

Gyps fulvus Grifo

Taxonomia:**Família:** *Accipitridae***Espécie:** *Gyps fulvus* (Linnaeus 1758).**Código da Espécie :** A078**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): NT (Quase ameaçado).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): LC (Pouco preocupante).**SPEC** (BirdLife International 2004): Não SPEC (Espécie com estatuto de conservação favorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Residente.**Distribuição:****Global:** Espécie com distribuição essencialmente Paleártica. Na Europa nidifica na Albânia, Bulgária, Espanha (incluindo as Ilhas Canárias), França, Grécia, Itália, Moldávia, Portugal, Roménia, Rússia, Turquia e Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council 2000).

A espécie é residente mas algumas aves (sobretudo juvenis) migram, realizam movimentos migratórios pós-nupciais para os Estreitos de Gibraltar e de Bósforo em África (provavelmente no Sul do Sahara) e Arábia (Arroyo 1994).

Nacional: Em Portugal a maior parte da população de Grifos encontra-se confinada aos vales alcantilados do Douro superior e seus afluentes (Rufino 1989) e Tejo (troço internacional) e seus afluentes, havendo alguns casais na Serra de S. Mamede e na zona de Barrancos.**Tendência Populacional:**

A população tem sido recenseada com regularidade desde 1989, quando se realizou o primeiro censo desta espécie a nível nacional, tendo sido observado um aumento significativo, nomeadamente duplicou o efectivo em alguns sectores. Em termos de distribuição o incremento não foi proporcional, sendo apenas ligeiro na região nordeste enquanto que na Beira Baixa assumiu maior proporção. A espécie não instalou núcleos estáveis e representativos a sul do Tejo

fauna, *aves***Abundância:**

Segundo o último censo da espécie (Berliner *et al.* 2001) a espécie possui em Portugal um total de 262-272 casais, correspondendo a menos de 3% do efectivo existente na Península Ibérica.

Requisitos ecológicos:

Habitat: Ocorre numa grande variedade de zonas abertas com poucas ou nenhuma árvores, em planícies, montanhas ou planaltos montanhosos, evitando florestas e áreas densa de vegetação, zonas húmidas, lagos, e estuários ou zonas marinhas (Arroyo 1994).

No nosso país o seu habitat de nidificação corresponde exclusivamente a escarpas rochosas de grande dimensão, associadas a barrancos fluviais ou cristas montanhosas. Faz o ninho em saliências ou pequenas cavernas nas escarpas, protegidas de ressaltos, e raramente em árvores. Os ninhos de anos anteriores são reutilizados em anos sucessivos (Cramp & Simmons 1980).

Em Portugal o seu habitat de alimentação corresponde a campos desarborizados onde se realiza aproveitamento pecuário extensivo, como matos esparsos, pastagens de montanha, estepe cerealífera, mas também montados de sobre e azinho. Nas zonas de alimentação necessita de uma ampla extensão de correntes ascendentes em zonas montanhosas (vertentes onde se concentram manadas de ungulados), ou correntes térmicas em zonas desérticas abertas, estepes, ou outro tipo de terrenos secos. Procura frequentemente nascentes, regatos e charcas, para se banhar e beber água.

Na dormida é comunal e nocturno em grupos desagregados, usualmente em saliências em escarpas ou em afloramentos rochosos. O local é tradicional e muitas vezes coincide com o local das colónias em nidificação, mas temporariamente pode situar-se junto ao local de alimentação. Também pode formar dormitórios em árvores, em geral localizados em zonas com elevada disponibilidade de cadáveres. Abandona o local de dormida assim que a temperatura aumenta o suficiente ou as condições do vento se tornam propícias para planar.

Alimentação: Espécie necrófaga. Alimenta-se de tecidos macios (músculos, vísceras) de mamíferos de médio a grande porte. Por vezes realiza movimentos migratórios em grupos para explorar periodicamente zonas de alimentação que se encontram indisponíveis em áreas inóspitas. Provavelmente utiliza uma maior área de busca do que outros abutres europeus.. Detecta os cadáveres através da visão, muitas vezes pelo movimento de outras aves, no solo ou no ar.

Reprodução: Colonial, embora ninhos isolados possam ocorrer. Crias nidícolas. Ambos os progenitores alimentam as crias por regurgitação (Cramp & Simmons 1980). O período de nidificação decorre entre Dezembro e Agosto.

Ameaças:

A **utilização de iscos envenenados** para eliminar predadores de espécies pecuárias (como por exemplo a raposa e lobo), é o principal factor de ameaça pelo facto de o Grifo ser uma espécie gregária e muito dependente da disponibilidade de cadáveres;

A **redução da disponibilidade trófica** devido ao cumprimento das exigências higieno-sanitárias, nomeadamente a obrigação de enterrar os cadáveres dos animais de criação;

A **diminuição do aproveitamento pecuário extensivo** de ovinos, caprinos e bovinos;

A **modernização agrícola** com conseqüente rarefacção dos animais de carga e tracção;

A **perturbação humana** em zonas de nidificação e durante os períodos mais sensíveis, provocada por actividades agro-silvícolas, actividades cinegéticas, turismo e lazer, conduz a um abaixamento da produtividade da população;

A **colisão e electrocussão** em linhas aéreas de distribuição e transporte de energia uma vez que espécie utiliza frequentemente apoios eléctricos como poiso de caça e dormitório;

A **degradação dos habitats** de nidificação e/ou alimentação devido à construção de infra-estruturas (barragens, parques eólicos, estradas), instalação de regadios, produção florestal, actividade de extracção de inertes;

A **perseguição humana** através do abate a tiro constituiu num passado recente um importante factor de mortalidade desta espécie;

A **instalação de parques eólicos** nas proximidades dos locais de nidificação da espécie está considerada como uma ameaça importante devido à perturbação provocada quer durante a fase de construção (ao nível da abertura de acessos e colocação de infra-estruturas), quer durante a fase de exploração, dada a possibilidade de aumento da presença humana associada à abertura de acessos. Essas unidades de produção de energia eléctrica, dependendo da tipologia e localização dos aerogeradores podem ainda, durante a fase de exploração, constituir uma causa de mortalidade desta espécie devido à colisão nas pás dos aerogeradores. Em especial, se estes forem instalados nas zonas importantes em termos de nidificação e dispersão de juvenis, ou ainda nas zonas de alimentação situadas nas cumeadas das serras. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão e electrocussão.

Objectivos de Conservação:

Assegurar a manutenção e recuperação da população nacional da espécie

- Reduzir a mortalidade da espécie contrariando as causas que a provocam.
- Melhorar a produtividade da população
- Conservar as áreas de reprodução e alimentação

Orientações de Gestão:

- Implementar um programa nacional de erradicação do uso de venenos;
- Aumentar a disponibilidade alimentar associada às explorações agro-pecuárias através da criação e gestão de campos de alimentação de aves necrófagas;
- Promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal nas áreas classificadas através de aplicação de programas de medidas agro-ambientais nos principais núcleos da espécie;
- Ampliar as sanções legais para os prevaricadores em matéria de perseguição/abate de espécies protegidas;
- Restringir as e o acesso às áreas de nidificação importantes e ordenar, dada a vulnerabilidade da espécie à perturbação;
- Condicionar o acesso e a realização de actividades turísticas e recreativas (actividades radicais em escarpas), cinegéticas e florestais nas proximidades de locais de nidificação e locais com apetência para a recolonização da espécie (ex: Serra da Estrela, vale do Rio Sabor);
- Aumentar eficácia dos meios e esforços de fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação durante os períodos mais sensíveis;
- Compatibilizar a gestão cinegética com a conservação da espécie, promovendo uma correcta gestão da caça grossa através do estabelecimento de protocolos e implementação de manuais de gestão ambiental;
- Elaborar e implementar planos de gestão nas ZPES mais importantes para a espécie;
- Realizar uma campanha nacional de sensibilização e educação ambiental da população rural relativamente às aves de rapina;
- Estabelecer sistemas eficazes de monitorização da população nas áreas problemáticas e/ou especialmente importantes para a população nacional;
- Colaborar em programas internacionais de conservação e estudo da espécie;

fauna, *aves*

- Implementar ferramentas de decisão legal acerca da instalação de traçados eléctricos nas zonas importantes para espécie (nidificação, invernada/dispersão);
- Corrigir e sinalizar traçados e apoios da rede de distribuição de electricidade que sejam muito perigosos para a espécie;
- Monitorizar o impacte das linhas eléctricas de transporte de energia sobre os núcleos mais importantes da espécie;
- Condicionar a instalação de parques eólicos nas áreas mais importantes para a espécie no nosso país;
- Todos os parques eólicos devem ser equipados com sinalizadores anti-colisão e armações de apoios seguras para aves;
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte dos aerogeradores já existentes, tendo em conta a sua localização geográfica, a sua situação em termos de habitats e a sua tipologia de equipamento, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;

Outra informação relevante:

Hoje em dia a espécie depende inteiramente das actividades humanas no espaço rural (SNPRCN 1990).

No Baixo Alentejo a espécie está extinta como reprodutora, existindo no entanto várias referências antigas de nidificação. Os indivíduos observados, reflectem provavelmente movimentos de prospecção alimentar realizados em boas áreas de alimentação e situadas na proximidade das colónias de criação espanholas, onde se estaria a iniciar o processo nidificante (Monteiro & Rocha 1998).

Os resultados totais do recenseamento realizado em 1996 apontam para um total de 407-413 casais, 147-149 dos quais nidificou em território nacional. Desde 1989 a população aumentou notoriamente em cerca de 125 casais (+64,3%), tal como em diversos outros núcleos populacionais distribuídos pela Península Ibérica. Essa evolução recente, já sentida em 1989, resultou também de um melhoramento da cobertura do censo. Em termos de área de distribuição o aumento foi menos notório, sendo de assinalar que surgiram ou instalaram-se, em pleno, 3 novos núcleos em território não fronteiriço, num total de 13-15 casais, o que poderá indicar uma futura recolonização do interior do nosso país. Por outro lado, continua a haver vastas áreas de Portugal, caso do nordeste transmontano e do leste alentejano, com condições ecológicas aparentemente favoráveis e com uma ocorrência frequente da espécie, mas onde continua a não se verificar a instalação de colónias nidificantes estáveis. Essa realidade, aliada ao facto dos parâmetros reprodutores de diversos núcleos nidificantes nas vertentes portuguesas serem consideravelmente inferiores ao das vertentes espanholas (dados próprios), sugere que a recuperação da população de Grifo em Portugal não está a ser tão evidente como no país vizinho, provavelmente devido à actuação de factores que ainda não conhecemos. Pensamos assim, ser necessário continuar com o acompanhamento e monitorização dos principais núcleos populacionais nacionais, ordenando as actividades turísticas e cinegéticas nos locais de nidificação desta espécie.

Bibliografia:

Araújo A., Neves R. & Rufino R (1994) . *Situação da população nidificante de Grifo Gyps fulvus em Portugal em 1989, evolução demográfica e ameaças*. Actas da 1ª Conferência Nacional sobre Aves de Rapina., V. N. de Gaia.

Arroyo B, Ferreiro E & Garza V (1991). *II Censo Nacional de Buitre leonado Gyps fulvus: Población, distribución, demografía y conservación*. Instituto Nacional para la Conservación de la Naturaleza, ICONA, Colección técnica, Madrid.

- Arroyo B (1994). *Griffon Vulture Gyps fulvus*. In: Birds in Europe: their conservation status. Pp.156-157. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.
- Berliner A., Monteiro A, Cabezas J M, Formariz JM, Gato J & Rodriguez Alonso M (1999). *Censo Gyps fulvus no Douro Internacional / Arribes del Duero – 1999*. Parque Natural do Douro Internacional. Relatório Interno.
- Berliner A, Pacheco C & Monteiro A (2001). *Censo de Grifo em Portugal*. In: I Censo Ibérico de Buitre leonado *Gyps fulvus* coordinado, 1999. Del Moral JC & Ramón.. Monografía nº 7, Sociedad Española de Ornitología, Madrid.
- BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.
- BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.
- Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1980). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Hawks to Bustards)*, Vol. II. Oxford University Press, Oxford.
- Donázar JA (1992). Muladares y basureros en la biología y conservación de las aves en España. *Ardeola* **39** (2): 29-40.
- Donázar JA (1993). *Los Buitres Ibéricos, Biología e Conservación*. J. M. Reyero, Madrid.
- Elosegui I (1989). Vautour fauve *Gyps fulvus*, Gypaete barbu *Gypaetus barbatus*, Percnoptere d'Égypte *Neophron percnopterus*: Synthèse bibliographique et recherches. *Acta Biologica Montana, Serie documents de travail* 3.
- Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.
- Monteiro A & Rocha P (1998). *Grifo Gyps fulvus*. In: Atlas das Aves Invernantes do Baixo Alentejo. Pp.118-119. Elias GL, Reino LM, Silva T, Tomé T & Geraldés P (coords.). Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.
- Palma L & Rufino R (1981). I Censo de Buitreras (1979), Informe sobre Portugal. *Ardeola* **26-27**: 273-276.
- Palma L (1985). The presente situation of birds of Prey in Portugal. *Conservation Studies in Raptors. International Council for Bird Preservation Technical Publication* **5**: 3-14.
- Palma L, Onofre N & Pombal E (1999). Revised distribution of diurnal birds of prey in Portugal. *Avocetta* **23**: 3-18.

fauna, *aves*

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Snow DW & Perrins (1998). *The Birds of the Western Palearctic*. Concise Edition ó Volume 1 Non-passerines. Oxford University Press, Oxford.

SNPRCN (1990). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Mamíferos, Aves, Répteis e Anfíbios)*, Vol. I. Serviço Nacional de Parques e Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Sunyer C (1992). Importancia de los muladares en la conservación de las rapaces carroñeras. *Quercus* **78**: 14-23.

Terrasse JF (1985). The effects of artificial feeding on Griffon, Bearded and Egyptian vultures in the Pyrenees. *Conservation studies on raptors, International Council for Bird Preservation Technical Publication* **5**: 429-430.

Tomé RA, Costa H & Leitão D (1998). *A migração outonal de aves planadoras na região de Sagres. Resultados da campanha de 1994*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Publicação, 2. Lisboa.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .